

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.143

Redacção, Administração e Tipografia:
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Sexta-feira, 18 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

O PÃO ROUBADO!

350 gramas, por meio quilo!

O povo está pagando o pão a 1\$10 e 1\$70 e não a \$80 e a 1\$20!

UM ASSALTO AOS CONSUMIDORES!

O regime de pão que está actualmente vigorando, apesar dos protestos e da repugnância dos consumidores, continua provando a razão que nos assistiu quando começámos a combatê-lo.

Afirmamos que os três tipos de pão eram três probabilidades concedidas à Moagem pelo governo, para ela roubar o povo.

Os moageiros vem-nos dar razão pois os três tipos de pão foram por eles, como nós tínhamos previsto, convertidos em três tipos de fraude.

Isa a verdade:

A moagem não se contentou unicamente com os lucros fabulosos que ela obtem com o actual regime de pão.

Aumentando escandalosamente falsificando os três tipos de pão e ainda por cima de tudo isto rouba descaradamente o peso.

Assim está-se vendendo em Lisboa, em muitas padarias pães que deviam pesar 500 gramas, mas que na realidade apenas pesam de 350 a 390 gramas!

Isto significa que o pão está na realidade a ser vendido em muitas padarias a mais de 1\$70 em vez de 1\$20 e a mais de 1\$10 em vez de \$80.

Ora digam se isto não constitui a maior e mais revoltante das roubalheiras?

E o que faz o governo que consente este roubo?

Nada, absolutamente nada, eis

a resposta. Resposta que fundamentamos no facto espantoso do decreto que instituiu os três tipos de pão ser completamente mudo em matéria de transgressões!

Não não só admito que os moageiros enganam os consumidores, que falsifiquem o pão e roubem no peso, atrevidamente.

A esse respeito o decreto mantém-se num silêncio que dá que pensar, num silêncio que só a uma única espécie de comentários dá margem.

O leitor sabe bem que comentários são esses e porisso nós deliberamos que o lapis da censura não venha implicar com eles.

O resultado da omissão do decreto deu o resultado de a fiscalização ter finalizado.

O facto do pão ter essa pesagem ou antes essa escandalosa falta de peso, não pode ser refutada.

No Commissariado dos Abastecimentos existe pão com o tal roubo no peso. Vimos esses pães e ainda ontem um jornal da noite publicava uma entrevista em que eram feitas as mesmas declarações sobre a falta de peso que hoje fazemos, com a maior certeza sobre a sua exactidão.

A acrescentar à revoltante roubalheira que sucintamente acabamos de narrar há ainda a torpe falsificação executada com o chamado pão de luxo.

Um caso edificante passado com

um amigo nosso serve magnificamente para confirmar as nossas informações.

Há dias ela entrou numa padaria e adquiriu um pão de 50 gramas, do tal que é de qualidade extra o que é vendido ao preço de 2\$25. Tendo verificado com espanto que esse pão era da mesma qualidade do pão de 1.º, exteriorizou o que pensava ao homem da padaria.

Porém foi com a maior extraneza que recebeu a seguinte resposta: «Não, proferida num tom sorridente:

— «Então? — ...E que tem isso. Hoje o tempo não está para quem trabalha, mas para quem rouba. Roubar é que deixa...»

Aqui tem os leitores na frase do homem da padaria toda o pensamento dos moageiros e de todos os assambarcadores. Realmente o homem tem razão. Quem rouba, não é preso, e conta com a certeza de ficar impune.

E a quem protesta sucede-lhe... o que os acontecimentos dos últimos dias acabaram de demonstrar.

«A hora é para quem rouba». Porisso o pão de 500 gramas apenas tem o peso de 350!

Os moageiros tem aplicado

praticamente a frase do padreiro.

E o governo procede de forma a garantir que a vida de hoje seja um inferno para quem trabalha e um paraíso para quem rouba.

Uma comissão de inquérito

Os jornais noticiaram que o governo havia nomeado uma comissão encarregada de proceder a um inquérito às determinações económicas do encarecimento do custo da vida, especialmente dos géneros e artigos de primeira necessidade.

Nessa comissão acha-se incluído o meu nome e a propósito tem-se bordado considerações sobre a minha atitude em face dessa nomeação, consideração que nem sempre primam pela verdade; razão porque julgo do meu dever esclarecê-la.

Essa nomeação foi para mim uma surpresa. Anteriormente, pouco depois de ter lido a referida notícia, declarei ao sr. presidente do ministério, na presença duma comissão de que fazia parte, que não só não havia sido consultado para aquele efeito, como nem mesmo poderia desde logo responder se aceitaria ou não o encargo. E para que não se reptam juízos errôneos como os que já vi impressos procurei repetir aqui, o mais fielmente possível, o que respondi ao presidente do governo.

Achava, de facto, muito interessante e necessário o inquérito a que essa comissão iria proceder, tanto mais que em Portugal não existem os elementos averiguados indispensáveis para um estudo consciencioso das condições económicas do país, dentro do ponto de vista restrito e especial em que o governo pôs a questão para ser estudada por essa comissão.

Todavia o meu ingresso nessa comissão dependia de resoluções ulteriores da organização de que faço parte e à qual tenho ligadas responsabilidades, que não escondo nem engenho. E a uma sua observação de que eu era livre, objectei que, embora não tivesse cedido a uma indecência, pelo respeito que a mim próprio devo, forçado era a proceder assim.

Está, portanto, posta claramente a questão: individualmente, atentas as condições em que me encontro, não me pronuncio, por enquanto, sobre a minha nomeação para a comissão de inquérito. Aguardarei para a C. G. T. possa retirar para si a apresentação a questão, subordinando-me às suas superiores decisões.

Tudo, pois, quanto se diga antes de a C. G. T. decidir se tem o mérito de ser necessário.

M. J. de SOUSA

Um alvitre interessante

Tendo lido o artigo publicado pelos nossos camaradas sobre as questões sociais, em que dizem que concordam com o meu alvitre sobre a Caixa de Solidariedade Nacional e Sindical, mas que eu devia apresentar uma tese sobre tal assunto, no meu sindicato, devo declarar que, ao apresentar tal alvitre, tive conhecimento que a U. S. O. de Lisboa ia apresentar uma tese sobre este assunto.

Por conseguinte não faria sentido que aparecessem dois trabalhos identicos, com o mesmo objecto para defender a mesma opinião no C. N. para que os membros actuais e futuros sejam garantidos melhores bócios, do que aqueles que até hoje tem passado.

Se isto affirmo é com conhecimento de causa, pelas privações que todos passamos quando nos encontramos n'isso. Espero pois que todos os delegados que vão ao congresso estudem a valer este assunto para que a solidariedade seja um facto.

Agosto, 1922.

Júlio de Matos
(operário metalúrgico sindicalizado)

coisa que só tem valor na sua imaginação, caminham a ventura e confiantes numa tão problemática que difícil salvação.

Se a maldade lhes não empanasse a vista, teriam previsto que os seus operários, que muitas vezes temsado lutar pelos interesses da industria quando eles se aquietam, agora saberiam também defender a «contrança» a situação das suas proles.

E, após esta luta por um efêmero aumento de salários, terão a cabal demonstração de que os seus assalariados, não pensando pelas células do estomago, sabem emprender lutas profundamente morais e de utilidade industrial que os espiritos patronais, obcecados pelo instinto da ganancia, não sabem sequer compreender e até muitas vezes combater.

Mais uma firma colocamos, hoje fora do conflito: a firma Arnaldo Gomes Coelho Limitada, que, não tendo assalariados directos, indirectamente está satisfazendo o aumento no trabalho que voltou a dar aos seus fornecedores.

Assim, os operários do mobiliário, absolutamente confiados na sua vitória, aguardam apenas que os restantes patrões se deem por convencidos da esterilidade ou antes, inverso, dos esforços que empregam para os esmagarem.

O Comité Central.

NOTA INTERESSANTE

A demonstrar o espírito de luta de que estão possuídos os mobiliários, há o interessante facto de, tendo uma nota do Sindicato, após a greve geral, aconselhado a volta ao trabalho, passando-lhe, por lapso, a referência de que essa indicação não era extensiva aos que se conservavam em luta contra o patronato do mobiliário, nenhum operário se apresentou; e alguns houve que se dirigiram ao Sindicato fazendo sentir a falta de clareza da referida nota.

Os assambarcadores estão falsificando o azeite, o leite e a manteiga. E' essa a razão de constantes intoxicações e da saúde dos consumidores ser cada vez mais precária.

E os detentores do regime não procedem porque ele está também assambarcado e falsificado.

Uma questão literária

Manuel Ribeiro e a sua obra

Examina-se imparcialmente «O Deserto» e chega-se a conclusões pessimistas no que respeita à defesa das ideias revolucionárias

Manuel Ribeiro, meu bom amigo:

Prometi dizer-lhe a razão porque considero iludidas as minhas esperanças após a leitura do seu último livro. Não quero faltar à minha promessa.

Li avidamente «O Deserto», ansioso por nele encontrar o que na Catedral faltava; e, voltada a derradeira página, fiquei-me silencioso, pensativo—tive a impressão que deve sentir um indivíduo que correndo, pleno de alegria, o coração transbordante de esperanças, para um lugar onde supõe existir a felicidade, chegando ao local desejado, encontra apenas a banalidade, a ausência completa desses elementos admiráveis que formariam a sua ventura.

Se a Catedral me deixou insatisfeito, «O Deserto», com a sua prosa magra, glisante, foi como água puríssima que eu bebesse e me deixasse mais sedento ainda, como vento cálido que me queimasse a pele num dia de estio abraçado, quando se deseja gozar a brisa fresca e leve.

Aquele célebre Luciano, artista, revolucionário, que eu vi sair da Catedral desfilado das velharias do cristianismo; aquele Luciano que eu esperava encontrar na vida, ao ar livre, longe das sombras dormentes da Sé, à luz clara do sol e da Verdade, em vez de entregar-se à luta decidida por uma sociedade nova, corre a um convento, à Cartuxa, donde sai, segundo as suas palavras e atitudes, desgostoso por não acreditar em Deus.

Eu não posso admitir, Manuel Ribeiro, que um revolucionário, um artista moderno, com esperanças indistintas num futuro melhor, quando um frade lhe recomenda que a sua arte não se limite apenas a admirar e retratar a obra de Deus, que se torne também seu colaborador porque os filhos da Igreja de Deus são os melhores factores do verdadeiro progresso e da felicidade real da raça humana; eu não posso admitir, repito, que um revolucionário à recomendação dum frade que lhe diz fraga bem presente a ideia de Deus — responda:

— Não o esquecerei jamais, venerável padre.

Eu acredito absolutamente em tudo o que você descreve acerca da sinceridade, da bondade, do espírito de sacrifício, do despreendimento de prazeres vulgares, vis, desses monges perdidos no convento de Santa Maria de Mira-

flores. O que eu não compreendo, porém, é que você se esqueça lamentavelmente de proclamar a superioridade da nossa crença com uma sociedade perfeita, onde os homens não de ser inicialmente mais perfeitos, mais belos de sentimentos e de atitudes — a nossa crença numa sociedade que esses monges devorados por uma fé estéril, por rezas inúteis no fundo das suas celas ignoradas, desconhecem completamente.

A essa filosofia da inação, da contemplação silenciosa, da renúncia, da submissão — a essa filosofia de vencidos da vida, de impotentes, receosos de lutar entre os homens contra o mal, devia você, Manuel Ribeiro, contrapor a sua, a nossa filosofia de revolucionários, de idealistas que desejam ardentemente o desenvolvimento espontâneo dos sentimentos sublimes de Solidariedade, de Bondade e de Beleza.

O Manuel Ribeiro apagou tanto os nossos ideais, deixou-os tam diluídos, que o leitor, por mais prevenido na sua leitura, julgará que eles ficaram para sempre soterrados na areia doirada do seu «Deserto».

De resto vejamos se eu tenho razão. Você dirá depois se me enganei. Num capítulo, primoroso pela sua beleza literária, descreve você a hesitação que Luciano, o artista revolucionário, sente ante os dois caminhos a seguir para melhor combater a corrupção, a imoralidade, a abjeção da sociedade presente. Luciano não sabe se há de trilhar pela clareira luminosa da Vida, actuando, pregando, realizando pela palavra e pela acção a obra saneadora que todos os homens de bem devem empreender, se enveredar de preferência pela estrada sombria do conventualismo, aceitando as rígidas práticas religiosas, a fé ardente em Deus, os sacrifícios estereis e as abnegações lindas e vias.

Luciano hesita, hesita dolorosamente. Uma voz interior pergunta-lhe, implacável:

— Mas afinal, crês ou não crês? Tens fé? Crês na divindade do Cristo, crês em Deus? Não respondes? Não, não crês.

E Luciano, tímido e descrente que devia colocar a beleza limitadíssima do universo ao poder limitadíssimo de Deus, não tem uma resposta decisiva, não sabe repositar com energia: «não, não creio!»

Você, Manuel Ribeiro, faz vacilar o

herói da sua novela; diz que «atirado, Luciano levava as mãos à cabeça».

«Estas perguntas ecoavam-lhe como casquinadas metálicas... Sentia-se então repellido, sacudido, alijado como um prego ignóbil, um falsário simulador que andava ali a flutuar a todos, E atrependia-se de ter vindo (ao convento), de ter-se enganado a si e ter andado a enganar os outros.»

Estranha psicologia a deste revolucionário que se lamenta de não crer em Deus, deste ateu que se julgava «um perigo ignóbil, um falsário simulador por ter ido a um convento examinar de perto a vida monástica e as belezas arquitectónicas dum mosteiro.

Estranha psicologia a deste espírito livre, desempoeirado, que ao sentir no seu intimo uma controvérsia intensa entre a doutrina cristã e a doutrina libertária, vai dar conta ao Dom Prior (como que a solicitar um amparo espiritual) dessas impressões que o atemorizam.

E quando Dom Prior para assegurar-lhe explica que essa controvérsia íntima é «o espírito do mal» a querer subjugar, ou «sortidas do demónio», Luciano mais calmo, satisfazendo-se com tam disparatadas explicações, como uma criança calando seu choro quando lhe dá um rebuçado, murmura convencido, submisso:

— Compreendo, compreendo (venerável padre. Não me ocorreu logo o ataque demoníaco, embora eu não ignorasse que no claustro se está sujeito a essas provocações. Eu estou convencido de que Manuel Ribeiro numa nova produção literária há de criar um revolucionário como il faut, que não tema o demónio nem deseje acreditar em Deus.

Para terminar: são estas incongruências — que eu repeto apenas menos atenção no traçar duma psicologia, e aliás uma mudança de ideias no autor — que dão lugar às especulações ignóbeis dos bons católicos que desejam ver (tam felizes estão de talentos como os seus) num erro literário a conversão absoluta dum espírito livre, como você é, à doutrina decadente do catolicismo.

Aguardo a rectificação, que a sua lúcida inteligência há de fazer aos meus erros de visão — que devo tê-los. «Errar é próprio do homem...»

Seu camarada e dedicado amigo

Mário DOMINGUES

Notas e Comentários

Uma perda Um jornalista espi-rituoso entrevistou ontem para «O Século» (da noite) o commissário dos abastecimentos que, segundo se disse há dias, não tem ideias, não tem planos, não tem nada na cabeça. Pelo que da original entrevista se deprende, o sr. commissário está com ordem de despejo, o que traz (ao que consta) todo o pessoal do commissariado num regresso delirante. Se o sr. commissário se fosse embora, seria uma verdadeira perda nacional, porque de homens assim, sem ideias nem planos, é que o Estado gosta...

Sr. commissário: não se vá embora que desgosta o sr. Pina Lopes — aquele ministro feito por uma ordem de serviço do falecido Antonio Maria Baptista...

Um caso sintomático Os srs. Lima Bastos e Ernesto Navarro, actuais ministros do comércio e da agricultura, são socios interessados da poderosa companhia de comércio de gados que tanta influencia tem no escandaloso negócio das carnes.

E' curioso constatar a dualidade destes dois «estadistas» que são ao mesmo tempo ministros e negociantes.

Vendem carne — enquanto o consumidor vai cada vez mais unido a pelo ao osso.

Boa ideia Um jornal da tarde, dirigido por um figurão bem conhecido pelas suas intrigues e pelos seus poucos escrúpulos, vinha ontem recomendando ao patronato a aprendizagem dum officio para, nos momentos

de greve, substituir os seus operários. Teceu à sua genial ideia os mais rasgados elogios — elogios em boca própria... — dizendo que durante a última greve geral «arregaçava as mangas da camisa e tentava compor uma página. Bom exemplo o desse cavalheiro de industria. A's vezes as lições de moral vem donde menos se esperam. Se o patronato seguir tam criteriosos conselhos quando se fizer a revolução social não veremos atr-palhados sem saber onde arrumar parasitas sem profissão.

Uma verdade Parece que O Dia tem vontade que a comissão de «démarches» para a resolução do assunto que provocou a última greve geral fosse tratada pelos membros do governo a sôco e pontá pé. Vai pelas suas columnas uma indignação irreprimível pelo facto de operários e governantes se tratarem com a delicadeza que qualquer homem civilizado compreende. A delicadeza chama O Dia transigência com a desordem e mostra-se desgostoso por o governo não ter metido na cadeia aqueles que julga serem os dirigentes dessa desordem. Chega até a dizer O Dia pessimista que operários e governantes se tratam como de potência para potência. E aqui tem razão O Dia. São realmente duas potências que se encontram — a operária e a burguesa — a primeira aumentando em força e disciplina, a segunda decaindo a olhos vistos. Não fosse a organização operária uma potência — e as amabilidades dos governantes se transformariam — como O Dia pretende — em coices mortais.

guem a farinha de 1.º ao contrário do que sucede com as empresas de moagem Aliança e Companhia Industrial de Portugal e Colónias e outras.

As padarias independentes do concelho de Lisboa já em número de 127 constituem uma excepção à regra, por isso não tem tido colocação para toda a farinha de 1.º na proporção que são obrigados a adquirir-lhe. E' para notar que a extracção legal é de 15% para pão de 1\$20 contra 62% para pão de \$80 mas na realidade a produção do pão de 1\$20 é de 30% e a de pão de \$80 centavos é de 47%. A razão deste facto é que aos 16% de 1.º se adicionam mais 15 partes de farinha resultante do lote de 2.º e 3.º, de modo que temos quasi meio por meio. O resultado do que fica exposto é a farinha de 1.º não ter saída igual à entrada e por consequência a imobilização do pequeno capital com que se há-de fomentar a nossa escassa industria.

O Estado tem de cuidar no direito que a pequena industria tem à vida e de decidir não teve nem terá intenção de descer ao espectáculo desolador que oferece a falência de quasi todas as padarias independentes, lançando assim

na miséria cerca de 800 operários e na ruína os respectivos patrões. Se tal facto se produzisse daria a impressão ao país de ter sido provocado de propósito para entregar à Moagem-pañificadora o exclusivo do fabrico do pão em Lisboa.

Para que o descalabro das padarias independentes não seja um facto é indispensável que antes do interregno parlamentar seja votada qualquer medida que permita aos padeiros independentes comprar farinha de 1.º qualidade conforme as necessidades do respectivo consumo. Sem esta concessão ver-se-ão hão forçadas a cessar a laboração devido à acumulação da farinha de 1.º e ao esgotamento dos capitais.

Esta Associação confia no nunca assas desmentido patriotismo do Parlamento Português para que não encerre sem providenciar no sentido em que respectivamente reclamamos.

Lisboa, 15 de Agosto de 1922.

A direcção da Associação de Classe dos Industriais de Panificação Independentes do Concelho de Lisboa e Concelhos Confinantes.

Eis mais uma prova dos perigos que o regime dos dois tipos de pão provocou. Com as duas qualidades de pão fornece-se a Moagem uma arma terrível que ela usará para lerir o consumidor. Elas tentam imprimir de preferência a farinha de primeira qualidade, de forma que o povo é obrigado por falta de pão de segunda, a comprar o mais caro.

Esta tática é velha e admira que o Parlamento, sempre pronto a defender os interesses do povo, tivesse aprovado uma lei, onde as padarias são obrigadas a fornecer ou a impingir o pão de primeira com mais abundância que o de segunda, o mais procurado, o mais acessível.

Não são apenas os industriais independentes que sofrem com tam disparatada lei — é o publico sobretudo o mais lesado.

AS GREVES

Operários mobiliários
NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A nossa luta vai prosseguindo e, embora lentamente, progredindo. Da confusão estabelecida no campo dos nossos adversários, merecemos a disparatada e ridicula acção da «patronal» sobre os fracos espiritos dos nossos patrões, vai-se salientando por parte dos mesmos a encapotada busca de meios de salvação, sendo notório que são os lojistas aqueles que se olham a despesas, melhor conseguem entreter a vida, comprando a quem calla mas sob sigillo comreço ainda do apapão.

Aguns industriais, dos timoratos, na impossibilidade de conseguirem operários que se prestem a trabalhar a olhos-vios, vão já apalavrando pessoal a quem oferecem salários superiores a nossa tabela, para a reabertura das suas cascas, após o 1.º de Setembro. Fracas «artaturnhas» que, reccosas de uma

Belezas do novo regime cerealifero

Impingindo de preferência a farinha mais cara.

A Associação dos Industriais de Panificação Independentes dirigiu ao parlamento a seguinte representação:

Ex.ªs srs. deputados da nação portuguesa. — A Associação de Classe dos Industriais de Panificação Independentes do concelho de Lisboa representando 137 padarias vem muito respeitosamente rogar a v. ex.ª que não encerre o parlamento antes de votar uma medida providencial que habilite o sr. ministro da Agricultura a permitir que as referidas padarias não sejam obrigadas a comprar farinha de 1.º além da restritamente necessária para o respectivo consumo de pão.

Como v. ex.ª muito bem sabem as padarias independentes não tem agra-das outr.s industrias onde empre-

Os crimes dos assambarcadores

Vende-se em Lisboa azeite, leite e manteiga — falsificados!

Continua-se vivendo no regime da fraude e da falsificação. Os assambarcadores aproveitando a explêndida impunidade que usufruem continuam roubando e falsificando a torto e a direito.

São raros os dias que aos jornais não veem parar casos de intoxicação e de envenenamento provocados por géneros alimentares.

São famílias inteiras que por vezes vão parar ao hospital para sofrerem um tratamento que as salve dos perigos enormes que a sua saúde e a sua vida ameaçam por terem ingerido na comida repugnantes venenos que eles adquirem nos estabelecimentos suppon-do que são géneros próprios para consumo.

Estamos constantemente referindo casos ocorridos em restaurantes e tabernas onde os freguezes sofrem enormes indisposições pelo facto de terem ingerido substancias nocivas para a sua vida e a sua saúde.

Tudo se está falsificando com o maior descaramento, com o maior desprezo pela saúde cada vez mais precária dos consumidores.

O azeite está falsificadíssimo. Nele são misturados óleos de algodão e de amendoim e outro produto nocivo desconhecido que os laboratórios estão procurando averiguar.

Os assambarcadores não se contentam com vender a preços exageradissimos, e em roubar no peso ou na medida. Ainda por cima falsificam.

Além do azeite repugnante contra a bóia do consumidor, forçando-o a sacrificios indescritíveis, ainda por cima se comete o acto desumano, criminal de gravemente se atentar contra a sua saúde!

Isto é bandidismo puro. Os que assaltavam os vlandantes antigamente exigiam a bóia ou a vida. Poupavam a bóia, esvaziando a bóia dos que assaltavam.

E as autoridades faziam-lhe montarias como aos lobos, encunravam-nos como as feras e aplicavam-lhes sentenças bárbaras que chegavam ao extremo de lhes suprimir a vida!

Os modernos bandidos, os assambarcadores não colocam o dilema: «a bóia ou a vida»!

Vão mais longe, que tais «bandidos». Não se contentam com tam pouco. São mais ferozes. Vão mais longe.

Querem a vida depois de roubarem a bóia. Querem tudo: a bóia e a vida. E os governos longe de imitarem o procedimento bárbaro que aplicavam aos antigos «bandidos», consentem-lhes

que atentem contra o consumidor, que o roubem e o assassinem.

Para eles a impunidade. E para os roubados o maior rigor quando protestam contra o roubo.

Não é só o azeite que está sendo falsificado.

E' também o leite que está actualmente convertido numa infamíssima mixórdia. Que importa a saúde dos velhos, das crianças e dos doentes?

Além do leite há ainda a manteiga que cada vez é vendida com maior porção de água.

Os mixórdios do leite se por acaso vão parar ao Tribunal das Transgressões são condenados a pagar 2\$40 de multa.

Por 2\$40 obtêm a liberdade de falsificar o leite!

O Tribunal dos Assambarcadores absolve com espantosa benevolencia os que previam.

Há dias foi posto em liberdade um falsificador fingindo estupidamente acreditar que o azeite que ele tinha impróprio para o consumo não era para vendê-lo.

Para que seria então que ele o falsificou? Para o deltar fora?

E' espantosa a ingenuidade do Tribunal dos Assambarcadores.

O resultado de tudo isto é nós estarmos adquirindo, por quantias fabulosas, azeite, leite e manteiga completamente falsificados.

E se os consumidores protestam...

Classes que reclamam

Construção-naval
Continuam os trabalhos desta classe para aumento de salário, sendo satisfeitos os trabalhos dos delegados João Almeida Afonso, pelos calafates e João Oliveira, pelos carpinteiros navais. Estes tem percorrido todos os ter-deiros de Norte a Sul, sendo qd representado de 35 000 sobre dissonância e 10800. As direcções destas algumas vezes nem logo que se vão, pensão de garantir o conhecimento dos delegados.

IPRO
e escangalhados, assim
de restaurar mobili-
trabalhos de carpinta-
Vende-se na 1.ª
lugaise—Rue Blanc

Ecos do movimento

Foram ontem entregues as bases dentro das quais pode ser satisfeita a vontade do tipo único de pão

A comissão de demarcação, harmonia com o que ficou convenido com o chefe do governo, e dentro das declarações dos lealdades da câmara dos deputados apresentou ontem ao deputado dr. sr. João Camoães, a base para a remodelação da lei dos cereais na parte respeitante ao pão de tipo único.

Por essa base se verificará que o seu preço não poderá ser de 60 centavos, visto que também não é defensável o chamado pão político a este preço, posto que para o sustentar e sustentar a roubafeira da moagem teria de se aceitar o princípio de que a província continuaria a pagar mais para que Lisboa tivesse o pão mais barato.

Dentro do critério governamental o financeiro estabelecido, o preço de \$80 centavos consignado nas bases é mais que suficiente. Veremos se será aceite. Se não for continuário de pé e cada vez com mais justiça os protestos e reclamações da classe operária, exteriorizados retumbantemente no último movimento que a repressão feroz da força armada não conseguiu aniquilar e que deve ser continuamente recordado como aviso, se não for satisfeito o desejo justo do povo consumidor.

Preâmbulo

Considerando que sendo o pão a base da alimentação e não sendo justo, sob o ponto de vista social e moral, que vários tipos se estabeleçam, visto que todos os organismos são idênticos, requerendo por isso idêntica alimentação;

Considerando que com a existência de dois tipos de pão, será sempre prejudicado o pão de segunda, posto que parte das qualidades alimentícias vão na farinha destinada ao pão de primeira;

Considerando que não é pelo facto de haver dois tipos de pão que as classes menos abastadas poderão ter um pão mais económico e agradável, porquanto esse preço é resultante da má qualidade da farinha, o que as compelle a comer o pão de primeira qualidade;

Considerando que o tipo único de pão, aquele que contém todas as qualidades nutritivas e necessárias para a saúde, o que não sucede nos vários tipos de pão devido à separação dos elementos substanciais das diversas farinhas;

Considerando que, no momento actual o trigo exótico fica mais barato que o trigo nacional permitindo assim ao Estado adquirir-lo sem prejuízo, antes pelo contrário, com uma não pequena margem de lucros;

Considerando que não será neste momento que o Estado pode aproveitar esses lucros como receita, mas sim concorrendo com eles para a estabilidade e barateamento do preço do pão;

Considerando que nas bases legais do trigo nacional e acabar com o preço político do pão, achando a solução que satisfizesse os desejos do povo sem lhe advir prejuízos para si, entendemos dever apresentar as seguintes conclusões básicas:

Tomando por base os preços do trigo nacional e exótico resulta uma média de \$76 por quilo. Atribuindo a taxa de \$10 para a moagem na extração de 77%, e valorizando a semente de 23%, em \$36 por quilo; e estabelecendo para a panificação outros \$10 de taxa por quilo, conclui-se que se poderá obter pão de tipo único ao preço aproximado de \$80 o quilo.

Para cobrir quaisquer encargos ou alterações resultantes do exposto, poderá o Estado do trigo exótico adquirir reservar uma determinada quantidade, exclusivamente destinada ao pão de luxo, massas, bolachas, biscoitos etc., trigo este que seria entregue por um preço mais elevado, e assim, de facto, as classes mais abastadas iriam beneficiar sem prejuízo da qualidade do pão no seu tipo único, cobrindo os encargos que o Estado tivesse para manter a sua boa qualidade.

Por outro lado atender-se-ia a hábitos já estabelecidos quanto ao pão considerado de luxo, também consumido em parte pelos consumidores menos abastados de várias localidades e regiões do país.

Cálculo do preço do pão, tendo por base 100 quilos de farinha, ao preço médio de \$97 por quilo:

Trigo exótico, preço médio, quilo.	\$72
Trigo nacional, preço legal, quilo.	\$80
Média total do trigo, por quilo.	\$76
100 quilos de farinha a \$76	76\$00
Taxa à margem de 10%, por quilo.	7\$60
Extraindo destes 100 quilos de farinha:	
23 de semente a \$36	\$828
No 77 quilos a \$97.	75\$32
Total.	83\$60
100 quilos de farinha a \$83,60	83\$60
100 quilos de farinha a \$97, porque fugiu com \$10 por mandaram fazer "alto".	97\$00
O enteiro é hoje, a	107\$00

Rurais de St. Reuniu em sessão na tarde de hoje a comissão de demarcação da farinha manipulada a questão do pão, tendo por base 100 quilos de farinha, ao preço médio de \$97 por quilo.

Reuniu em sessão na tarde de hoje a comissão de demarcação da farinha manipulada a questão do pão, tendo por base 100 quilos de farinha, ao preço médio de \$97 por quilo.

Reuniu em sessão na tarde de hoje a comissão de demarcação da farinha manipulada a questão do pão, tendo por base 100 quilos de farinha, ao preço médio de \$97 por quilo.

Reuniu em sessão na tarde de hoje a comissão de demarcação da farinha manipulada a questão do pão, tendo por base 100 quilos de farinha, ao preço médio de \$97 por quilo.

Os 133 quilos de pão, dão o preço de \$80,4 por quilo.

Obtem-se por conseguinte, com margem suficiente de lucros para a moagem e panificação, um pão de tipo único, com o diagrama de 77% ao preço de \$80.

Federação Nacional da Construção Civil

Reuniu ontem a Comissão Administrativa em local fora da sede, devido ao encerramento da mesma, tendo dado despacho ao expediente e tomado conhecimento, por um delegado, das demarções efectuadas junto do governo para reabertura da sede e liberdade dos presos.

Empregados no Comércio de Silves

Na última assembleia realizada em 8 do corrente, foi aprovada a seguinte moção:

"Considerando que o governo da república portuguesa, tem, ultimamente, por todas as formas, querido esmagar as mais caras regalias do proletariado;

"Considerando, ainda, que o decreto que estabelece os dois tipos de pão, é uma lei insidiosa, que tende a extorquir o povo;

"Considerando, ainda mais, que é absolutamente impossível corresponder à proclamação da C. G. T., devido à escassa consciência da classe, que a impede de levar a bom termo a acção directa, manifestando em greve ao lado das demais classes trabalhadoras;

"Os empregados no Comércio de Silves, reunidos em assembleia geral, em 5 de Agosto de 1922, resolvem:

1.º — Telegrafar ao ministro da agricultura, protestando contra o referido decreto;

2.º — Dar à C. G. T. o nosso apoio moral e monetário, se tanto for preciso, pelo movimento que encetou;

3.º — Saudar A Batalha pela forma como se tem mantido em face dos recentes acontecimentos.

Os interrogatórios dos presos

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

Continuaram ontem os interrogatórios dos operários que estão presos em S. Julião da Barra, em virtude dos últimos acontecimentos, prosseguindo também as investigações acerca dos que estão detidos no Governo Civil.

rada da força proletária. O momento é para afirmações de energia, diz o orador, e não para demonstrações de oratória. Começa por encerrar a questão da panificação reputando de infâmia o diploma que lhe altera os preços. É um escarho lançado na face dos produtores.

Dentro de 24 horas, continua vibrantemente, a greve geral será um facto em diferentes organizações operárias da província; que amanhã, ao romper da aurora, o povo do Barreiro saiba secundar altivamente a grandiosa afirmação de dignidade, do proletariado da capital.

Apoz mais algumas considerações sobre o momento, termina por apresentar uma moção cujas conclusões são:

"O povo do Barreiro, reunido em comício público, apreciando o movimento da classe operária de Lisboa e o fim a que ele visa, resolve: 1.º Resi. tir. ao aumento do custo do pão e a concessão dos dois tipos; 2.º secundar o movimento operário e popular de Lisboa; 3.º Convidar os sindicatos operários locais a proclamarem a greve geral a partir de amanhã, dia 8, até que seja dada solução ao conflito com a execução dum único tipo de pão a \$60 o quilo.

Posta esta moção à aprovação, muitos milhares de braços erguem-se ao ar por entre as aclamações populares e vivas à greve geral. Encerrado o comício, o povo dispersa, aclamando delirantemente a C. G. T. e a Batalha. É digno de menção o procedimento da autoridade administrativa desta localidade, que afirmou aos delegados dos sindicatos o imediato abandono do seu cargo, se pela força armada fossem provocados distúrbios. É um critério razoável. Já assim não procederia — se o deixassem — o comandante da guarda republicana que queria enviar para Lisboa, alguns jovens presos pela "briosa", com a acusação de sabotarem umas linhas telegráficas, e que pretendiam ver num canivete que foi encontrado a um e numa chave de esperando a outro, as provas do que infundadamente afirmaram.

Deve-se ainda à boa vontade da cidade autoridade administrativa, movida por alguns elementos operários, a imediata soltura destes camaradas.

O movimento no dia seguinte apresentava um admirável aspecto, paralisando as fábricas da União Fabril, oficinas do Sul e Sueste, indústria corticeira e classes da construção civil.

Não pode passar sem nota, um facto aqui bastante comentado e que na realidade é interessante.

Ao que nos consta o sr. Plínio da Silva, director da rede ferroviária do Sul e Sueste, afirmou a alguém que o seu pessoal não iria para a greve. O certo é que aquela entidade conservou-se no Barreiro durante todo o período anormal, indo na manhã do primeiro dia do movimento — em pessoa — tocar a buzina das oficinas — sinal de entrada para o trabalho — postando-se muito próximo da porta de entrada.

Uma boa norma de um director tomar o pulso ao seu pessoal; mas tenha o sr. Plínio da Silva paciência... se sofreu alguma delusão.

Efectuou-se pelas 19 horas do dia 8, uma reunião pública no teatro República desta vila, convocada extraordinariamente para informar a população da marcha do movimento. A sala de espectáculos encontrava-se repleta de criaturas de ambos os sexos, ultrapassando as portas de saída. No palco e nos camarotes a aglomeração era tamanha enorme, tendo que se evacuaram estes últimos lugares, por correr o risco dum desabamento que traria uma tremenda catástrofe. Foi deliberado prosseguir no movimento até satisfação das reclamações apresentadas. Fizem-se belas afirmações que a população aplaudiu entusiasticamente.

Seguidamente os ferroviários do Sul e Sueste, reuniram no mesmo edifício, em assembleia magna, para tomarem deliberações em face da gravidade da situação.

A sessão decorreu um tanto agitada em face de três documentos que foram apresentados à assembleia e que constavam de uma moção dando até 43 horas de prazo para todos os ferroviários se declararem em greve se até essa altura não fosse solucionado o conflito, um adiamento a essa moção alterando o prazo para 24 horas e outro de igual natureza que opinava pela imediata declaração da greve. Depois de alguma discussão foi por fim aprovada a moção com prova e contra-prova e cujas conclusões são as seguintes:

"Os ferroviários do Sul e Sueste, componentes e representantes de todas as secções profissionais, resolvem:

1.º — Que os ferroviários das oficinas, actualmente em greve, se mantenham nessa situação até solução satisfatória da questão suscitada pelo agravamento do custo do pão.

2.º — Tomar resoluções definitivas sobre a generalização da paralisação actual agora em curso, se até quarenta e oito horas depois desta assembleia, o conflito não tiver uma solução da parte do governo ou do parlamento.

No dia 9, cerca das 21 horas, houve nova reunião das classes em luta no edifício do Sindicato do Sul e Sueste, sendo então resolvido por maioria o regresso ao trabalho em vista das explicações dadas pelos delegados operários e com a apresentação duma moção que concluiu assim:

"A classe operária do Barreiro reunida em sessão pública, resolve:

1.º — Considerar terminado o movimento grevista encetado em 8 do corrente, com a retoma do trabalho por todas as classes, amanhã, 10, pelas 8 horas da manhã.

2.º — Manter uma atitude de expectativa, perante o estabelecimento do preço do pão, tipo único, reservando-se o direito de se aceitar ou não, conforme a sua situação económica o determinar-se esta moção foi vivamente discutida, sendo finalmente aprovada por maioria.

Foi um movimento pleno de afirmações da solidariedade operária, e que dispertou alguns cérebros ainda embuídos das "bondades" patronais, a urgente necessidade de mais se estreitarem os laços que unem todos os trabalhadores, como por exemplo no pessoal das fábricas da União Fabril, que está em vias de reorganizar o seu sindicato.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

— C.

Em Coimbra

Perseguições das autoridades. — O medo da hidra

Apesar de nesta cidade não ter havido movimento algum de parte da organização operária local, as autoridades, contudo, têm-se comprazido em perseguir os elementos mais dedicados à causa proletária.

Foi assim que a pretensão de se terem publicados uns manifestos em que a U. S. O. convidava todos os organismos locais, na sua máxima representação, a assistirem a uma sessão pró-congresso operário, os nossos zelosos agentes entretiveram-se a arrancar das paredes esses manifestos e a apreender os que andavam em distribuição, sendo preso nesse dia, 3 do corrente, o secretário geral da U. S. O., Mário Campos, sob a horrível acusação de entrar duas vezes na sede da União depois da reunião proibida.

A sua prisão que foi feita pelo comissário da polícia Silvano, deixou uma péssima impressão no meio operário, pois que se atribui a este sr. Silvano, que é uma espécie de Javert de feira, com a mania da perseguição, um espírito de vingança contra Mário Campos, por factos passados a quando o sr. Silvano nem sequer sonhava que havia de chegar a ser comissário da polícia. O sr. capitão Silvano deve lembrar-se perfeitamente da época em que se viu obrigado a apreender e desaparecer fantásticamente numa continuidade passmosa, para não cair nas mãos dos sindicatos da ocasião; e no entanto sua excelência nesse tempo também era um preso.

Mas, adiantar.

Diversos «nóssos» de operários que procuraram a «leite» para pedir a libertação de M. Campos, têm recebido a resposta de que o preso está entregue ao respectivo da polícia; procurado este, responde que o caso está afecto ao governador civil; procurando essas comissões avistarem-se com esta autoridade, não são recebidas, com a desculpa de que o preso não está na sua dependência.

Depreende-se daqui, pela requintada fé com que estes senhores procedem, o intuito único de, na pessoa do preso, ferir e aniquilar a organização local que é a sombra negra que a todo o momento os persegue.

Cuidado, senhores, muito cuidado; não fieis demasiado na indiferença passiva dos explorados; não confieis em extremo na pretendida força que tendes a vosso lado.

P. S. — Já depois desta correspondência feita, somos informados de que foram presos, hoje, 14, mais quatro camaradas que, pacientemente, alojavam numa hospedaria; destes camaradas, que pertencem à indústria do mobiliário, dois encontravam-se eventualmente de passagem nesta cidade; dos outros dois sabemos que um é o camarada Grilo que há semanas se encontra aqui a trabalhar. Quer dizer, a polícia que é fina, farejou ali qualquer coisa de ténico e vá de prender os homens pelo tremendo crime de serem de Lisboa...

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

Ridículo, não lhes parece? — C.

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A Contabilidade Administrativa dos Organismos Operários

Conclusão)

Continuando a minha demonstração, passarei ao Mapa sintético do movimento de receita e despesa.

Pelo livro, que já conhecemos, sabemos que a receita do mês de Fevereiro foi de 321\$05, sendo: 174\$90 de cotização ordinária, 81\$85 para fundo de solidariedade, 55\$50 para fundo escolar, 36\$80 por venda de cadernetas confederais, 1\$80 por venda de estatutos e 3\$20 por um objecto velho de que nos desfizemos. Do mesmo modo vemos que a despesa foi de 273\$37, assim: sede, 36\$80; adesões, 34\$98; propaganda, 20\$00; instrução (pagos a professores, etc.), 67\$34; solidariedade, 83\$00; cobranças, 24\$27; e diversas, 6\$98.

O mapa de que tratamos, e que eu uso, serve para reunir o movimento de todos os meses e mostrar a situação geral da caixa. Este mapa serve para um ano e é escrito da seguinte forma:

O que fizemos foi lançar na linha correspondente ao mês de Fevereiro as somas que nesse mês nos mostrava o livro caixa. Procedendo de igual modo em todos os meses, bastar-nos-á somar, em qualquer altura todas as colunas deste mapa para sabermos qual a situação do organismo e qual a posição de cada uma das rubricas que temos abertos.

Estes mapas servirão para estarem patentes aos associados permanentemente, bastando em cada mês adicionar-lhe o movimento desse mês, com o que pouparamos muito trabalho. Além disso este mapa mostra muito mais claramente a situação da caixa e o movimento comparado uns com outros meses do que um balancete mensal ou trimestral, como costumamos fazer.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

Quando um associado tenha interesse em conhecer pormenorizadamente as origens daquelas receitas ou o modo por que foram efectuadas as despesas por nós à sua disposição o «Livro analítico da receita e despesa» e aí ele verá, detalhadamente, os lançamentos a cada mês respeitantes.

CRONICA DE ALJUSTREL

Breves impressões duma visita rápida

A Casa dos Trabalhadores. — Ingenuidade popular. — O hospital. — Na «cimentação».

Uma explicação prévia: quando inserimos a página especial sobre a vila mineira de Aljustrel, por absoluta falta de espaço, ficaram de fora alguns graneis e uma entrevista sobre a instrução. Hoje, passada a borrasca, já o podemos fazer, tanto mais que não se nos afiguram despidos de interesse.

Est-nos na sede da Associação dos Mineiros, onde está instalado o Sindicato Metalúrgico. Casa de bela aparência, que contrasta bem com os cas-bres da «aldeia» — o lado moderno da vila, que aparenta ser dos tempos medievais. A frente é terra. Três portas. Quatro janelas. Na rua lateral forma andar, com quatro janelas e uma ao fundo. Amplo salão, com pátio. Ao lado, nas trazeiras, uma parte por concluir. Na frente uma loja de venda com armação da extinta cooperativa — que ia matando a Associação, mas que o bom senso evitou, terminando antes com a Cooperativa — para que visse o Sindicato. Na entrada dois gabinetes, um para cada sindicato.

Tem uma história esta sede — a Casa dos Trabalhadores de Aljustrel. A associação nasceu em 1912. Em 1914 houve uma greve que durou pouco mais de um mês. Foi nessa altura que deliberaram construir a casa nas seguintes condições: cada operário deu de trabalho um, dois ou três dias por semana, divididos em várias horas que na construção gastavam em cada dia, nas horas vagas do trabalho das minas e do domingo. O que se recusava a trabalhar pagava a outro que por ele fizesse o serviço. Para isso havia uma escala. Foi assim que ao cabo de cerca dum ano estava construída a casa — porque todos cumpriram a resolução tomada.

Atravessamos o lado norte da vila, com ruas empedradas e uns prédios melhores, calados, de bons burgueses, bairro aristocrático marcando entre as terríveis habitações proletárias da população mineira e rural. Subimos à capela de N. Senhora do Castelo. É simples. De interesse só um menino Jesus com uma cara de mulher borraça, sensual e rubicunda.

Numa parede umas estampas toscas com o aparecimento da santa nas alvas de enfermos operando o milagre da cura, mediante a promessa dum litro de azeite ou duma vela de cera.

No adro, mesmo à porta da capela, um numeroso grupo de rapazes e raparigas casadoiros dançavam e cantavam, as danças e os cantos ingenuos dos colegiais. Depois de uma volta ao marco geodésico nas trazeiras da capela, próximo ao qual vão, pela noite alta, fazer escavações os que ainda sabem haver ali tesouros enterrados, voltamos a ver a dança, pois já então fomos informados que a mesma festa parte duma promessa feita a N. S. do Castelo. E lá prosseguia a

O senhor João de Robres Com virtude sem igual, Fez este santo hospital Mas em ante: fez os pobres.

apresenta a virtude falsíssima duma moral social assente na mentira. Mas o Hospital da Misericórdia de Aljustrel nem mesmo essa falsa virtude simula. Paga a um enfermeiro 43000 mensais, um pobre homem que para viver e con-

servar o hospital aberto teve que ir trabalhar para a mina.

Instrumentos cirúrgicos quasi não existem. Meia dúzia, se tanto, semi-ferugentos. Os restantes ou se encontram em casa do médico — o único que existe e que acumula as funções de presidente do Sindicato dos lavradores — ou nas casas dos seus clientes particulares. Nem pensos existem para as necessidades mais instantes. Vimos um rapazola sobre uma cama da pseudo enfermaria com um lenço de assar negro, imundo, atado num pulso a curbar uma ferida mal cheirosa, que, antes, por estar a descoberto, sem penso nem liga, se havia agravado com as ferroadas das moscas. Este hospital nem sequer tem a virtude de mascarar o crime da injustiça social. O epigrama de João de Robres não lhe pode ser aplicado. Um hospital assim, não cura; mata.

Sob um sol fomes em demanda dos canais da cimentação, que do serro de Malpique haviam avistado já. Queríamos observar o trabalho que ali se fazia. Era a uma hora em que poucos ali trabalhavam: alguns velhos, crivando e separando as pastas da massa do cimento, e retirando de um dos canais alcófas de cobre em massa.

Confessamos o nosso pesar por não vermos em plena actividade, para verificação das verdadeiras condições de trabalho, Mas logo nos explicam: — Ai o trabalho é exercido nas piores condições. Escolhem para aqueles os velhos e as crianças de 12 a 14 anos, porque, sendo um trabalho que tem algo de ruído para a saúde, os mais sólidos, que podem escolher outros trabalhos, não se lhe sujeitam. Pois a estas crianças pagam pequeníssimos salários. Deste modo não podem andar calçados. O seu trabalho consiste em percorrer os canais da água forte, onde é lançado o ferro para a composição do cimento e separar este daquele. A sucat de ferro é lançada nos canais em blocos, grandes e pequenos para ser dissolvida e produzir a massa do cimento. Ora esse ferro vai-se dissolvendo, até ficar como lâminas acedadas, ou como agulhas. Os pequenos ferem-se, pois, nos pés a cada passo. Se podem tratar-se logo, bem está; mas como nem sempre o podem fazer, os ferimentos vão-se alargando, e agravando com a avariação do cobre e dentro em pouco as gretas aceniam-se, produzindo um sofrimento maior. É um trabalho pago aos rapazes por salários inferiores a 1500 em cada dia.

Reclames

Todas as noites, nos dois espectáculos, são certas as enchentes, no Apolo, e, também, os aplausos entusiásticos à famosa revista *Pica Pau*, cujo êxito é dos mais brilhantes dos últimos tempos. As representações do *Pica Pau* são constantemente interrompidas com as ovações entusiásticas que abrangem todos os artistas, e, especialmente, Anita Salambó, uma autêntica rainha de revista, que com a sua graciosidade e desenvoltura absorve por completo, a atenção dos espectadores. Hoje no Apolo, dois espectáculos, às 8 1/2 e 10 1/2, com a revista *Pica Pau*.

— Apresentam-se repletas de atrações as duas sessões de hoje, às 8 1/2 e 10 1/2, no teatro Maria Vitória, do *Avenida Parque*. Haverá ali 4 estrelas, intitulando-se esses números novos *O saltipalato*, de sempenho por Joaquim d'Oliveira, *A menina dos bichos*, por Evan Viçoso, *Artur Rodrigues e Mouchet*, e a «vega-rega» *Os tipos de pão* por Miguel Pereira, Octávio de Matos, João Rodrigues, Carolina Simas e Clotilde Mendes. Com estas sensacionais novidades, a

Teatros

A "Viuva Alegre" no Coliseu dos Recreios

A suspensão das chamadas garantias constitucionais, interrompeu durante mais de uma semana o nosso labor de crónica que da harmonia da opereta andou afastado e que em lugar do *Canto da Colôvia* se distraiu em acompanhar de quarto em quarto de hora o grito de *sentinela alerta* que os nublados da solidão atirou para a cidade de Ulisses, convencida de que era esta a maneira mais decidida de manter a tranqüilidade quebrada pelo crime da massa proletária em pedir um tipo único de pio.

Os italianos da companhia que trabalhava no Coliseu não ignoram estes momentos de exaltação popular, porque na sua terra abençoada pela arte também medra a semente da agitação alimentada pelo comunismo que caminha olhando o Sol e pelo fascismo que retrograda abraçando a treva.

Suspensas as garantias que nunca tivemos não nos foi difícil acreditar que a companhia Pancani teria terminado os seus espectáculos que tanto nos tem ajudado a minorar o enlaidescer dis de verão poeirente, principalmente incomodativo pela incúria dos edis municipais.

Não era assim. Lá voltámos ao Coliseu a ouvir a célebre opereta de Franz Lehar *Viuva Alegre*, que uma grande parte do nosso público sabe de cor, porque são fáceis os seus acordes e insinuantes muitas das suas passagens. A parte os efeitos que os libretistas costumam tirar da incoerência das scenas bem dispensáveis se não fosse o prelo para as músicas com gosto, pode dizer-se que a *Viuva Alegre* satisfaz até os que mais atentos se mostram dos contextos musicais e que não se esquivam a apontar erros de técnica ou exiguidade de inspiração.

Recitas d'autores

É hoje noite de entusiasmo, no Eden. Efectua-se a recita dedicada ao illustre escritor Eduardo Schwabach que, com a maior felicidade conseguiu concretizar, na peça *As duas garotas de Paris*, todas as scenas e situações arrebatadoras que tanto concorreram para o êxito conquistado pelo romance, e, mais tarde, pelo «film» cinematográfico, exibido com o mesmo título.

Tem, pois, o mérito dum original a peça que se exhibe no Eden, e por isso é de inteira justiça que não faltem lá, hoje, os amigos e admiradores de Eduardo Schwabach, que tanto se faz, duplamente apreciar pelas suas diamantinas qualidades pessoais, e pelo seu talento, também do mais fino quilate.

Reclames

Todas as noites, nos dois espectáculos, são certas as enchentes, no Apolo, e, também, os aplausos entusiásticos à famosa revista *Pica Pau*, cujo êxito é dos mais brilhantes dos últimos tempos. As representações do *Pica Pau* são constantemente interrompidas com as ovações entusiásticas que abrangem todos os artistas, e, especialmente, Anita Salambó, uma autêntica rainha de revista, que com a sua graciosidade e desenvoltura absorve por completo, a atenção dos espectadores. Hoje no Apolo, dois espectáculos, às 8 1/2 e 10 1/2, com a revista *Pica Pau*.

— Apresentam-se repletas de atrações as duas sessões de hoje, às 8 1/2 e 10 1/2, no teatro Maria Vitória, do *Avenida Parque*. Haverá ali 4 estrelas, intitulando-se esses números novos *O saltipalato*, de sempenho por Joaquim d'Oliveira, *A menina dos bichos*, por Evan Viçoso, *Artur Rodrigues e Mouchet*, e a «vega-rega» *Os tipos de pão* por Miguel Pereira, Octávio de Matos, João Rodrigues, Carolina Simas e Clotilde Mendes. Com estas sensacionais novidades, a

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Alparça

15 DE AGOSTO

Ainda a greve geral

Foi o assunto dominante das conversas a greve geral no dia 8 e 9 do corrente, circulando também o boato que um redactor da *Batalha* tinha sido assassinado a tiro. Mais tarde, pelo *Século*, sabemos que era falso esse boato e que não tinha sido o camarada redactor Alexandre Vieira, mas sim, Guilherme Lima, assassinado pela polícia em plena rua. A greve não se alastrou até aqui, devido ao operariado desta terra não ter uma única associação de classe onde possa discutir os seus interesses em comum. No entanto, paga o pão a 90 centavos, dizendo-lhe que tem 1 kilo, quando muitas vezes ele não pesa nem 900 gramas, porque ninguém obriga o padeiro a pesá-lo. Enquanto à sua qualidade, nisso, nem se fala. Cada padeiro mistura-lhe o que quer e o público tudo compra.

Quando os rurais aqui ganharam duas semanas de 7 escudos, o comerciante subiu logo o preço de todos os artigos. Hoje que o trabalhador ganha 3 escudos, o homem pouco mais caro — isto é: hoje — um rural não ganha só para o vestuário e ferramenta. Se amanhã voltarmos todos unidos como em 1913 a fazer a associação, o que dirão os envenenadores do povo trabalhador?

«Que somos bolchevistas, sindicalistas, que queremos as propriedades, etc.», — C.

Isqueiros

Manuel Vicente Borralho

Faleceu ontem o camarada Manuel Vicente Borralho, tipógrafo-linotipista de «O Século», edição da noite, um dos mais dedicados elementos da classe, dando sempre demonstrações da sua consciência revolucionária, especialmente quando da última greve geral proposita por questões sociais.

O seu funeral, sairá hoje da rua da Verónica, 140, 1.º, Esq., pelas 16 horas, para o cemitério do Alto de S. João. A Associação dos Compositores Tipográficos convida toda a classe a incorporar-se no funeral.

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

A nomeação será feita por exame e os candidatos devem apresentar-se no Serviço Central do Material e Tracção, em Lisboa, estação de Santa Apolónia ou no Depósito de máquinas em Gama, munidos de atestado de bom comportamento de última casa em que trabalharam.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Nas oficinas desta Companhia admitem-se serralheiros, torneiros, caldeeiros de ferro e electricistas.

</

Serviço de livraria DE A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esportivo; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais 50 por cento para registro.

Auxilia-se A Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de Livraria de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.
Lisboa-Portugal

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, brônquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos d'ouvidos porque as defende de contágios perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas edasas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem-se o apetite e permitem-lhes bons reparadores seguidos;
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º A ténua e acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surdez cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas de doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

CALÇADO

GRANDE LIQUIDAÇÃO
em todos os calçados existentes na
Sapataria do Calhariz

Além dos tipos que a seguir citamos, enorme variedade saldamos, vendendo tudo com grandes abatimentos, não obstante as últimas subidas motivadas pela greve dos operários.

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 11\$00

GRANDE lote de sapatos em vitela preta, cujo valor actual é 16\$80, pois só o feito custa 7\$00.

A 31\$00

BOTAS de calf de cor, com 2 solas, que em toda a parte se vendem a 40\$00 e mais.

A 20\$00

BOTAS de cor e pretas cujo valor real é de 28\$00, na grande liquidação da Sapataria do Calhariz.

A 27\$50

GRANDE lote de botas em superior calf preto, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50

UM lote de botas em calf preto, 1 sola, para homem; um dito em 2 solas.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 17\$50

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luis XV; outro em calf amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

Para futebol

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados caseiros, chinelos de quarto, moiriscas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz
Largo do Calhariz, 33

CALÇADO

de todas as qualidades e modelos

Nenhuma casa vende mais barato, pois enquanto outras casas sobrecarregam os seus artigos com 40 % e 50 %, esta só tira um lucro de 20 %, e além disso ainda faz os seguintes descontos:

Em benefício do comprador sindicado.....	5 %
de A BATALHA.....	3 %
das Cooperativas.....	3 %
do comprador socio da mesma cooperativa.....	5 %
em benefício das As. de Socorro Mútuo.....	3 %
do comprador socio destas colectividades.....	5 %
em benefício da Sociedade A Voz do Operário.....	3 %
do comprador socio desta sociedade.....	5 %

N. B. — Quando qualquer destas colectividades se responsabilize pelo pagamento, damos crédito a seis meses, sendo invertidas as percentagens acima mencionadas; o direito refere-se só ao calçado, por enquanto. Exceptuam-se destes descontos os tabacos nacionais, fósforos, jornais e illustrações.

Na Havanza do Sacramento, rua do Sacramento, 19-21, a Alcantara, além do calçado encontrareis artigos de retrozaria, papellaria, meias, gravatas, perfumarias, livros, etc., e na Tabacaria Condes, Avenida da Liberdade, 6, assim como na Havanza do Carmo, Calçada do Carmo, 43, encontrareis todos esses artigos, a excepção do calçado, nas condições propostas.

Peçam sempre senhas

Nicolau Gomes Correia

ACABA DE RECEBER um grande sortido de cheviotes género inglez, estambres, casimiras e alpacas. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gardines, para senhora, o casacos. Um grande stock de kakis. ***** PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

..... AVIAMENTOS PARA ALFAIATES
R. dos Fanqueiros, 255

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um accordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas. ALEM DISSO, A MUNDIAL, NADA COBRA a titulo de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima.—Educação e ensino.....	1\$00
O Ensino da Historia.....	1\$00
O Teatro na Escola.....	1\$00
Alfredo Neves Dias.—Razão (poema social).....	1\$00
Benedetti.—Arte de estudar.....	1\$00
Bento Faria.—Alma e o corpo.....	1\$00
Benuzzi.—Crisão e vida.....	1\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	1\$00
Brusssel.—A vida social.....	1\$00
Celastino de Sousa.....	1\$00
Através da Historia.....	1\$00
Movimentos revolucionários.....	1\$00
A revolução francesa.....	1\$00
Clemente Jacquet.—Historia Universal (2 vol.).....	1\$00
Colson:.....	1\$00
Organismo económico e desordem social.....	1\$00
Dante:.....	1\$00
A sciência e a vida.....	1\$00
Mechanic da vida.....	1\$00
O Egoismo.....	1\$00
Dastre.—A vida e a morte.....	1\$00
Denoy.—Descendentes do macaco?.....	1\$00
Desherbert:.....	1\$00
Jesus de Nazareth.—A moral da Natureza.....	1\$00
Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte social.....	1\$00
Faguet:.....	1\$00
Iniciação filosofica.....	1\$00
Iniciação literaria.....	1\$00
Arte da lã.....	1\$00
Horror das responsabilidades.....	1\$00
Faria do Vasconcelos.—Problemas escolares.....	1\$00
Fiamaron:.....	1\$00
Iniciação astronómica.....	1\$00
Astronomia popular.....	1\$00
Caricaturas astronómicas.....	1\$00
Contos de luar.....	1\$00
Gorki:.....	1\$00
Os degenerados.....	1\$00
Os vagabundos.....	1\$00
Scenas de familia (teatro).....	1\$00
Na prisão.....	1\$00
Ibsen.—Os espectros (teatro).....	1\$00
Jaime Cortesão.—Adão e Eva (teatro).....	1\$00
Jean Gruet.—A vida do direito.....	1\$00
Jean Finot.—A Sciência da Felicidade.....	1\$00
Laisant.—Iniciação mathematica.....	1\$00
Luz Buchner.—Na aurora do século XX.....	1\$00
Malvert:.....	1\$00
Sciência e Religião.....	1\$00
Manuel Ribeiro:.....	1\$00
A Cathedral.....	1\$00
Imperiosa verdade.....	1\$00
O deserto.....	1\$00
Mirbeau:.....	1\$00
O Jardim dos Suplicios.....	1\$00
Memórias duma criada de quarto.....	1\$00
Neno Vasco.—O Pecado de Simonia.....	1\$00
Reinach.—Historia das religiões.....	1\$00
Spencer.—A justiça.....	1\$00
Strauss.—A velha e a nova fé.....	1\$00
Timothoni.—Não creio em Deus.....	1\$00
Toistol:.....	1\$00
Sonata de Kreutzer.....	1\$00
O conto do cianeto.....	1\$00
Tomás da Fonseca.—Sermões da Montanha.....	1\$00
Toutouso.—Como se deve educar o espirito.....	1\$00
Vitor Hugo:.....	1\$00
França e Belgica (2 v.).....	1\$00
Han d'Islandia (2 vol.).....	1\$00
Noventa e três (2 vol.).....	1\$00
O homem queri (3 vol.).....	1\$00
O Reino.....	1\$00
Os miseráveis (2 grossos volume illustrados, encadernados).....	1\$00
Zola:.....	1\$00
Lourdes.....	1\$00
Alegria de viver (2 vol.).....	1\$00
A conquista de Plassans (2 vol.).....	1\$00
A fortuna dos Rougons (2 vol.).....	1\$00
O ar. militar.....	1\$00
Parado das Damas (2 vol.).....	1\$00
Tereza Raquin.....	1\$00
A Terra.....	1\$00

Pelo correio mais 10 por cento e 10 centavos para registro

Os I. W. W. na teoria e na prática

A Textil Worker Union (União dos Trabalhadores Textis) de New Bedford (America do Norte), acaba de editar por intermédio da secção editorial de A Batalha o interessante trabalho de Justus Ebert, Os I. W. W. na teoria e na prática.

Esta obra deve merecer, a todos os militantes do movimento operário, uma especial atenção pela clara exposição que sobre a estrutura e a orientação dos I. W. W., Justus Ebert nos faz.

Os I. W. W. na teoria e na prática tem a história do movimento operário na grande república do dollar—Os cavaleiros de S. Crispim e os cavaleiros do Trabalho—As influencias de Carlos Marx e da I. Internacional—A acção da Federação Americana e a sua estrutura reformista—Os I. W. W. e a acção directa—A guerra e os I. W. W., sua experiencia—Os I. W. W. e a greve geral—A actual força dos I. W. W., sua estrutura organica—Como funciona a administração dos I. W. W., etc., etc.

1 volume com 164 páginas

Preço 1\$50

Pelo correio registado 1\$70

Pedidos à administração de A BATALHA

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operaria

Sapatos em calf preto para senhora 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas calf-preto grandes 21\$00

Botas calf-preto com duas solas 22\$50

Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 6

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Serviço de saúde

Concurso para enfermeiros de 3.ª

Perante o serviço de saúde desta Companhia, está aberto, por 50 dias a contar da data deste anúncio, o concurso documental e de provas práticas para provimento de lugares de enfermeiros de 3.ª classe, com vencimento de esc. 8\$00 mensais, com casa de residência ou respectivo abono de esc. 8\$00 anuais e subsídio temporaria de esc. 8\$00 mensais.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos de aprovação no curso de enfermagem, passando por qualquer escola do país, e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações; certidão de dade e certificado do registado criminal. Depois de julgados aptos, pela junta médica, serão sujeitos a uma prova teorica e pratica, na sede do Serviço de Saúde, em Lisboa P, para a sua classificação em mérito absoluto e relativo.

A nomeação será tornada definitiva finios 6 meses de serviço efectivo, com boas informacoes, passados 2 anos de bom serviço serão promovidos a 2.ª classe, com aumento de 8\$00 mensais no vencimento. Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde, em Sant' Apollonia, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

Lisboa, 7 de Agosto de 1922.

O Director Geral da Companhia

Perreira de Mesquita

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PUBLICO
Venda de uma porção de minério de antimonio

Faz-se publico de que, no dia 20 do corrente, pelas 8 horas e na estação da Beira, proceder-se-á a venda em leilão de minério de antimonio, com o resso de 10 toneladas aproximadamente, que consistem em minério de 1.ª e 2.ª qualidade de Beira e Vendas Novas e que posteriormente foi embarcada na estação expedidora.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de 600\$00.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

O chefe do serviço do Tráfego, (e) J. V. da Bocage Lima.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PUBLICO
Venda de 200 sacos de adubo

Faz-se publico de que, no dia 18 do corrente, pelas 8 horas e na estação da Aljustrel Centro Verde, tem lugar a venda em leilão, de harmonia com os regulamentos, de 200 sacos com adubo quimico, remessa de 25.804 de Barreiro Terra, com o peso de 10.000 quilogramas.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de 900\$00.

Lisboa, 12 de Agosto de 1922.

O chefe do serviço do Tráfego, (e) J. V. da Bocage Lima.

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do calhariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OURIRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

Gôta-Reumatismo crónico

Lamas-Duches-Banhos

ESTORIL-TERMAS

Tabacaria A NACIONAL

DE

MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais illustrados, livros, artigos de papellaria, selos, papel selado, artigos para fumantes.

LOTERIAS

Agua, cerveja e refrigeres

38, Rua da Mouraria, 38-A

LISBOA

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Pelo correio

Adolfo Lima.—O contrato do trabalho.....| |
| --- |
| Antonelli.—A Rússia bolchevista..... |
| Brand.—A greve geral..... |
| Campo Lima.—O movimento operário em Portugal..... |
| Carlos Rates.—A diadema do Proletariado..... |
| Carmo de Moura.—A mulher e a civilização..... |
| Celso Ferraris.—Os partidos politicos..... |
| Charles Albert.—O amor livre..... |
| Content.—Contra o confusionalismo..... |
| Delail.—Os financeiros, os politicos e a guerra..... |
| Douair.—O socialismo e a proxima revolução (2 vol.)..... |
| Emilio Bossi.—Cristo, nunch existiu..... |
| Emilio Costa.—Acção directa e acção legal..... |
| Etievant.—A minha defesa..... |
| Fraser.—O sindicalismo e a proxima revolução (2 vol.)..... |
| Fabra Ribas.—O socialismo eo conflito europeu..... |
| Gladiator.—A questão social no Brasil..... |
| G. O. N. M.—Procriação consciente..... |
| Griffuelles.—A acção sindical..... |
| Guilherme de Greef.—As leis sociologicas..... |
| Gustavo Molinari.—Problemas sociais..... |
| Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sancção..... |
| Hamon:..... |
| A conferencia da Paz e a sua obra..... |
| As lioes da guerra mundial..... |
| O movimento operário na Gran-Bretanha..... |
| Psicologia do militar profissional..... |
| Psicologia do socialista-anarquista..... |
| A Crise do Socialismo..... |
| Heliodoro Salgado.—A religião da Morte..... |
| Henriete Roland.—A Rússia nova..... |
| Jean Grave:..... |
| A Anarquia-Pins e melos..... |
| A Sociedade Futura..... |
| Olvidado e a Sociedade..... |
| José Carlos de Sousa.—A propriedade privada..... |
| Joseph J. Ettor.—Unismo Industrial..... |
| José T. Lorange.—Machismo mo e Anarquismo..... |
| Jules Guesde.—A lei dos salarios..... |
| Justus Ebert.—Os I. W. W. na teoria e na pratica..... |
| Kropotkin:..... |
| A Anarquia, sua filosofia e sua ideal..... |
| A Grande Revolução (2 vol.)..... |
| A moral anarquista..... |
| A Moralidade..... |
| Sindicalismo e Parlamentarismo..... |
| Os bastidores da guerra..... |
| Em volta duma vida..... |
| Lagarde:..... |
| Sindicalismo e Socialismo..... |
| Landauer:..... |
| A Social Democracia na Alemanha..... |
| Leone.—O Sindicalismo..... |
| Malatesta:..... |
| O programa socialista-anarquista revolucionario..... |
| Entre camponeses..... |
| No café..... |
| Manuel Ribeiro.—Ni linha de fogo..... |
| Marx.—O Capital..... |
| Mezner.—O socialismo..... |
| Mezner.—O socialismo..... |
| Melchior Inchausti.—A monarquia jesuitica..... |
| Maquiavel.—A caminha da uniao livre..... |
| Nietzsche:..... |
| Anti-Cristo..... |
| Genealogia da moral..... |
| Neno Vasco.—Ao Trabalhador Rural..... |
| Novikov.—A emancipação da mulher..... |
| Patout e Pouget.—Como faremos a revolução..... |
| Perfeito da Carvalho.—Notas e comentarios..... |
| Pouget:..... |
| A Confederação Geral do Trabalho..... |
| Prat.—A Burguesia e o Proletariado..... |
| Ricardo Mella:..... |
| O principio do fim..... |
| Rossi.—A sugestão e as multi-cores..... |
| Sabatini.—A escravidão social da mulher..... |
| Sebastião Faure.—Doze provas da existência de Deus..... |
| Tolstoi.—O credo..... |
| Trotsky.—Constituição politica da república dos Sovietes..... |
| Vandervelde:..... |
| O collectivismo e a evolução industrial..... |
| Alcoismo ou Revolução..... |

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurès (Exclusivo)